



PERCEPÇÃO E CONHECIMENTO SOBRE A VACINAÇÃO CONTRA INFLUENZA ENTRE ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE: ANÁLISE DE FONTES DE INFORMAÇÃO E COMPORTAMENTO VACINAL

Samira Fernandes Ghosn¹; Mariana Ayumi Hirose²; Clara Vanini de Oliveira³;
Mariana Abrante Carvalho⁴; Camila Teixeira Pereira⁵; (Dra) Patrícia Ucelli Simioni⁶.

¹ Faculdade de Medicina, Universidade Anhembi Morumbi – Piracicaba/SP, e-mail: 12523119027@ulife.com.br

² Faculdade de Medicina, Universidade Anhembi Morumbi – Piracicaba/SP.

³ Faculdade de Medicina, Universidade Anhembi Morumbi – Piracicaba/SP.

⁴ Faculdade de Medicina, Universidade Anhembi Morumbi – Piracicaba/SP.

⁵ Faculdade de Medicina, Universidade Anhembi Morumbi – Piracicaba/SP.

⁶ Faculdade de Medicina, Universidade Anhembi Morumbi – Piracicaba/SP.

RESUMO

A influenza mantém relevância em saúde pública devido à alta morbimortalidade e ao potencial de sobrecarga dos serviços. A vacinação anual é a principal medida preventiva, porém a adesão pode ser afetada por crenças e desinformação. Este estudo transversal, descritivo-analítico, avaliou percepção, conhecimento, histórico vacinal e fontes de informação sobre a vacina contra influenza entre estudantes da área da saúde (≥ 18 anos), por meio de aplicação de um questionário eletrônico (Google Forms®). Participaram 103 estudantes, majoritariamente de Medicina (64,1%) e dos 5º-6º períodos (41,7%). A maioria relatou ter sido vacinada ao menos uma vez (96,1%), embora nem todos mantenham regularidade anual. Verificaram-se lacunas conceituais sobre composição e eventos adversos. As principais fontes de informação foram profissionais de saúde (30,1%) e universidades (30,1%), seguidas de mídia tradicional (14,6%), redes sociais (13,6%) e sociedades médicas (7,8%). Constatou-se alta adesão, mas necessidade de fortalecer o conhecimento técnico e incentivar a revacinação anual.

PALAVRAS-CHAVE: Influenza; Vacinação; Estudantes de Ciências da Saúde.

INTRODUÇÃO

A influenza, popularmente conhecida como gripe, permanece como uma das principais causas de morbimortalidade evitável mundialmente, devido à alta transmissibilidade e às epidemias sazonais. Estimativas apontam que complicações respiratórias associadas ao vírus influenza são responsáveis por até 650 mil óbitos anuais em todo o mundo¹. No Brasil, os surtos recorrentes de influenza desafiam o sistema público de saúde, exigindo vigilância e prevenção contínuas².



A imunização anual é a forma mais eficaz de reduzir casos, internações e complicações, sobretudo em grupos de risco, como idosos, gestantes e portadores de comorbidades³⁻⁴. Apesar da oferta gratuita pelo SUS, a cobertura vacinal é insuficiente devido à disseminação de desinformação e à baixa percepção de risco. No âmbito acadêmico e profissional da saúde, a vacinação protege o indivíduo e forma multiplicadores de informação sobre imunização⁶. No entanto, estudos recentes evidenciam que mesmo entre estudantes e profissionais da área, ainda persistem lacunas de conhecimento, hesitação vacinal e atitudes ambivalentes em relação à vacina contra a influenza⁷⁻⁸.

Diante desse cenário, torna-se relevante investigar a percepção e o conhecimento dos estudantes da saúde acerca da vacinação contra a gripe, visando identificar fatores que influenciam a adesão vacinal e orientar ações educativas voltadas à formação de futuros profissionais mais conscientes e engajados na promoção da imunização.

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo transversal, descritivo e de abordagem quantitativa, para avaliar o conhecimento e a percepção de estudantes da saúde sobre a vacina contra influenza. A pesquisa adotou delineamento observacional e baseou-se na aplicação de um questionário estruturado, elaborado com base em orientações do Ministério da Saúde, da Organização Mundial da Saúde (OMS) e em estudos prévios sobre adesão vacinal.

O instrumento, composto por quinze perguntas objetivas, foi disponibilizado por meio da plataforma Google Forms®. As questões abrangeram dados sociodemográficos (curso, período, idade e sexo) e itens relacionados ao conhecimento e à percepção sobre a vacinação, incluindo aspectos de eficácia, segurança, composição, grupos prioritários, necessidade de reforço anual e fontes de informação.

Participaram do estudo 103 estudantes dos cursos de Medicina, Odontologia, Fisioterapia e outros da área da saúde, maiores de 18 anos e recrutados por conveniência. Foram excluídos os respondentes que não completaram integralmente o questionário, apresentaram respostas inconsistentes ou duplicadas,



ou não pertenciam à área da saúde. A participação foi voluntária e anônima, mediante aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eletrônico. O estudo seguiu os princípios éticos da Declaração de Helsinque e da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que dispensa aprovação ética para pesquisas com opiniões anônimas e não sensíveis. Os dados foram analisados por estatística descritiva, utilizando o software Microsoft Excel®. Foram calculadas frequências absolutas e relativas para as variáveis categóricas, e as respostas referentes ao conhecimento foram classificadas como corretas ou incorretas, com base em gabarito previamente estabelecido.

RESULTADOS

Participaram do estudo 103 estudantes pertencentes a cursos da área da saúde. Dentre eles, 64,1% eram do curso de Medicina, 20,4% de outros cursos da área, 9,7% de Odontologia e 5,8% de Fisioterapia. Em relação ao período acadêmico, observou-se predominância de discentes entre o 5º e o 6º períodos (41,7%), seguidos pelos 3º e 4º períodos (23,3%). A amostra apresentou maioria feminina.

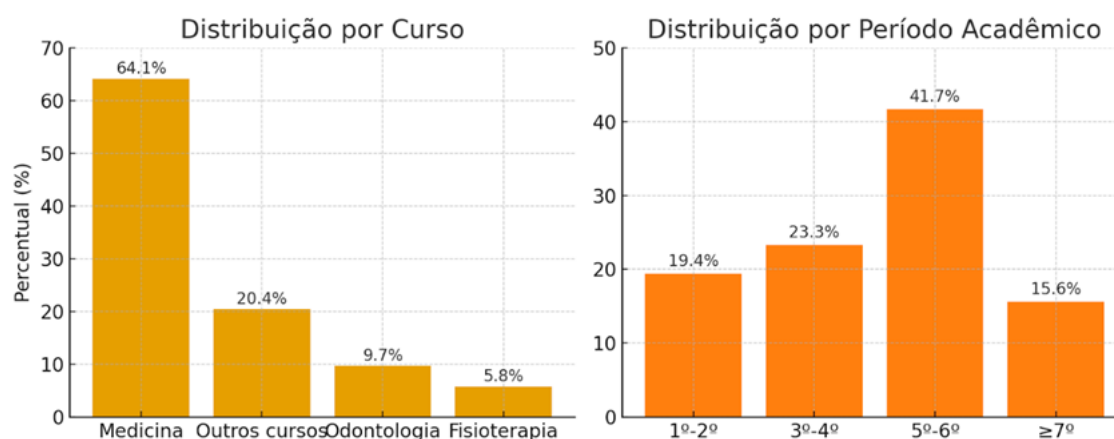


Figura 1 - Distribuição percentual dos 103 estudantes segundo curso (Medicina, outros cursos, Odontologia, Fisioterapia) e período acadêmico (1º-2º, 3º-4º, 5º-6º, ≥7º). Observa-se predominância dos cursos de Medicina (64,1%) e de estudantes entre o 5º e 6º períodos (41,7%). Fonte: Dados da pesquisa (2025).



No que se refere ao histórico vacinal, verificou-se que 96,1% dos participantes já haviam recebido a vacina contra influenza pelo menos uma vez, enquanto 3,9% afirmaram nunca ter sido vacinados ou não recordar o fato.

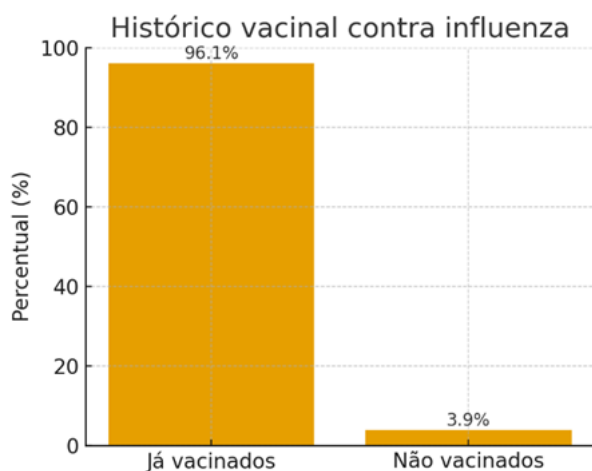


Figura 2 – Histórico vacinal contra influenza. Proporção de estudantes da área da saúde que já receberam a vacina contra a gripe ao menos uma vez (96,1%) e daqueles que nunca se vacinaram ou não recordam (3,9%). Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Entre os respondentes, 46,6% relataram nunca ter apresentado, nem presenciado em familiares, qualquer reação adversa à vacina, enquanto 40,8% afirmaram já ter vivenciado algum evento desse tipo e 12,6% não souberam responder. Em relação ao tipo de reação, 84,5% identificaram corretamente que as manifestações mais frequentes são dor local, febre, mialgia e cefaleia leves, enquanto 7,8% citaram sintomas respiratórios como tosse e congestão nasal, 3,9% afirmaram que não há efeitos colaterais e outros 3,9% disseram não saber avaliar.

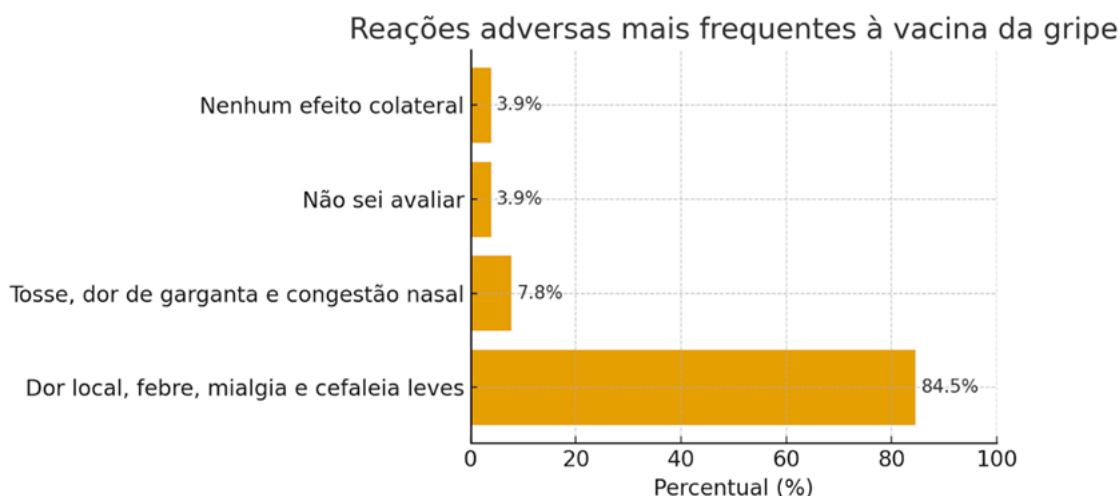


Figura 3 – Reações adversas mais frequentes à vacina da gripe. Predomínio de reações leves como dor local, febre, mialgia e cefaleia (84,5%), seguidas por sintomas respiratórios leves (7,8%), ausência de conhecimento (3,9%) e ausência de efeitos relatados (3,9%). Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Quanto ao conhecimento sobre a composição e os efeitos do imunizante, 71,8% reconheceram corretamente que a vacina é inativada e, portanto, não causa gripe. Por outro lado, 15,5% acreditavam que o imunizante contém vírus ativo capaz de causar sintomas, 4,9% relacionaram o surgimento de sintomas à ineficácia da vacina e 7,8% declararam não saber avaliar. Esses resultados evidenciam a persistência de concepções equivocadas sobre o funcionamento da vacina.

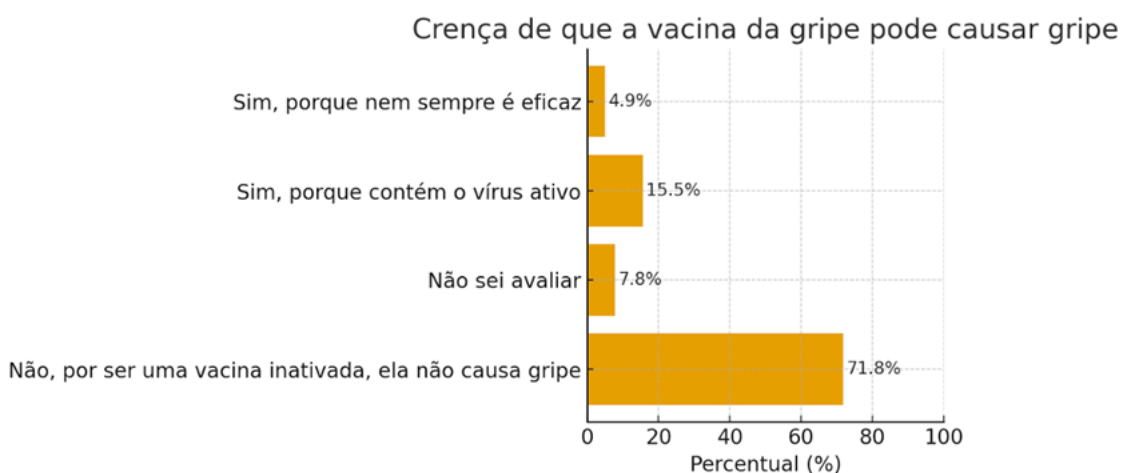




Figura 4 – Crença sobre a possibilidade de a vacina da gripe causar gripe. A maioria dos participantes (71,8%) reconhece que a vacina é inativada e, portanto, não causa gripe. Contudo, 15,5% acreditam que pode causar por conter o vírus ativo, 4,9% associam a ineficácia e 7,8% não souberam avaliar. Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Observou-se ainda que 93,2% dos participantes reconheceram corretamente que a gripe pode evoluir para formas graves, como pneumonia, enquanto 4,9% afirmaram não saber avaliar e 1,9% consideraram a afirmativa falsa, demonstrando ampla compreensão quanto ao potencial de gravidade da infecção.

A gripe pode evoluir para formas graves, como pneumonia.

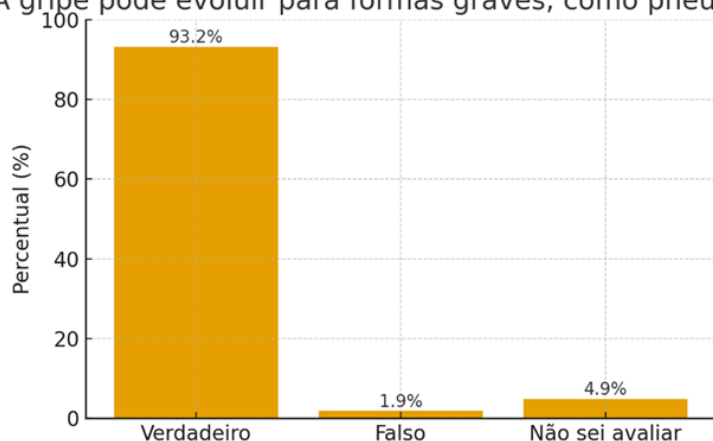


Figura 5 – Reconhecimento do potencial de gravidade da gripe. Percentual de participantes que reconhecem que a gripe pode evoluir para formas graves, como pneumonia: Verdadeiro - 93,2%; Não sei avaliar - 4,9%; Falso - 1,9%. Fonte: Dados da pesquisa (2025).

As principais fontes de informação citadas sobre o tema foram os profissionais de saúde (30,1%) e as universidades (30,1%), seguidas por TV e rádio (14,6%), redes sociais (13,6%) e sociedades médicas (7,8%).

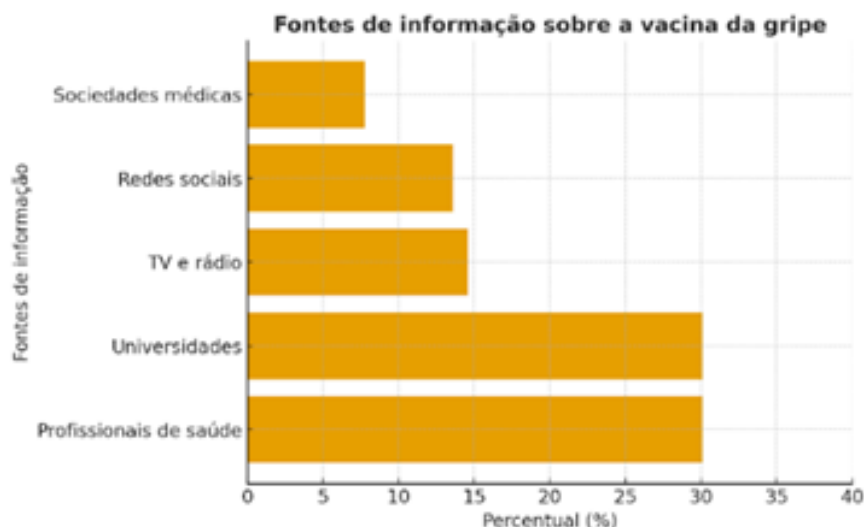


Figura 6 – Fonte de informação sobre a vacina da gripe. As principais fontes de informação citadas sobre o tema foram os profissionais de saúde (30,1%) e as universidades (30,1%), seguidas por TV e rádio (14,6%), redes sociais (13,6%) e sociedades médicas (7,8%). Fonte: Dados da pesquisa (2025).

DISCUSSÃO

O presente estudo evidenciou elevada adesão vacinal entre estudantes da área da saúde, com 96,1% relatando já ter recebido a vacina contra influenza ao menos uma vez. Apesar da elevada proporção de vacinados, observou-se que parte dos respondentes não realiza a atualização anual, o que indica lacunas na adesão sustentada às recomendações de imunização. Resultados semelhantes foram descritos em coortes europeias e latino-americanas, sugerindo que a percepção de risco reduzido entre jovens adultos pode contribuir para a irregularidade vacinal³⁻⁴. O perfil da amostra, predominantemente feminino e com concentração no curso de Medicina, reflete a composição típica de estudos com discentes da saúde em universidades brasileiras, reforçando a relevância da formação acadêmica como espaço de promoção da vacinação⁵. O destaque de profissionais de saúde e universidades como principais fontes de informação sobre vacinas evidencia tanto uma oportunidade quanto um desafio, dada a necessidade de atualização contínua frente à desinformação pós-COVID-19.⁶⁻⁷

Apesar do reconhecimento da importância e segurança da vacina anual, persistem equívocos sobre sua composição e efeitos. Esse resultado reforça evidências de



que mesmo entre futuros profissionais de saúde persistem dúvidas conceituais, o que pode comprometer sua capacidade de orientar adequadamente a população⁸. Estudos internacionais indicam que falhas no conhecimento técnico aumentam a hesitação vacinal e favorecem a propagação de mitos, sobretudo em ambientes com ampla desinformação online⁹⁻¹⁰.

Os achados evidenciam a necessidade de estratégias pedagógicas inovadoras para suprir lacunas cognitivas, promover comunicação clara sobre vacinação e fortalecer o papel de estudantes e profissionais como agentes de imunização.

CONCLUSÃO

O presente estudo demonstrou que a maioria dos estudantes da área da saúde já recebeu a vacina contra a influenza ao menos uma vez, evidenciando adesão globalmente elevada. Entretanto, verificou-se que a atualização anual da imunização não é universal, e persistem lacunas conceituais acerca da composição, da segurança e dos possíveis efeitos adversos da vacina. Além disso, as universidades e os profissionais de saúde foram identificados como as principais fontes de informação, reforçando a centralidade dessas instituições na promoção de práticas vacinais seguras e baseadas em evidências.

Esses achados indicam que, embora os futuros profissionais de saúde apresentem uma percepção positiva em relação à vacinação contra a gripe, ainda existem fragilidades que podem comprometer seu papel como multiplicadores de informação junto à população. Nesse sentido, torna-se fundamental o fortalecimento de estratégias educativas durante a formação acadêmica, incluindo metodologias ativas, integração curricular e campanhas de comunicação direcionadas. Os resultados destacam a importância de políticas que garantam a adesão contínua à vacinação anual, especialmente entre estudantes e profissionais da saúde, e contribuem para compreender barreiras que dificultam a imunização e a ampliação da cobertura vacinal.

FOMENTO

Instituição Universidade Anhembi Morumbi – Piracicaba, vinculado ao Programa Pró-Ciência do Ecossistema Ânima.



REFERÊNCIAS

1. PAULA, S. I. DE et al. Adherence to influenza vaccination among medical students during and after influenza A (H1N1) pandemic. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, v. 58, n. 0, 2016.
2. BETSCH, C.; BÖHM, R.; CHAPMAN, G. B. Using Behavioral Insights to Increase Vaccination Policy Effectiveness. **Policy Insights from the Behavioral and Brain Sciences**, v. 2, n. 1, p. 61–73, out. 2015.
3. SCHMID, P. et al. Barriers of Influenza Vaccination Intention and Behavior – A Systematic Review of Influenza Vaccine Hesitancy, 2005 – 2016. **PLOS ONE**, v. 12, n. 1, p. e0170550, 26 jan. 2017.
4. DURANDO, P. et al. Determinants of adherence to seasonal influenza vaccination among healthcare workers from an Italian region: results from a cross-sectional study. **BMJ Open**, v. 6, n. 5, p. e010779, maio 2016.
5. HÖFELMANN, D. A.; BRAGA, C. et al. Contribuições do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (Sisvan) nas análises do perfil nutricional da população brasileira: potencialidades e limitações. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 32, n. 4, 2023.
6. MACDONALD, N. E. Vaccine hesitancy: Definition, scope and determinants. **Vaccine**, v. 33, n. 34, p. 4161–4164, ago. 2015.
7. LARSON, H. J. et al. The State of Vaccine Confidence 2016: Global Insights Through a 67-Country Survey. **EBioMedicine**, v. 12, n. 12, p. 295–301, out. 2016.
8. PATERSON, P. et al. Vaccine Hesitancy and Healthcare Providers. **Vaccine**, v. 34, n. 52, p. 6700–6706, dez. 2016.
9. ZAROBKIEWICZ, M. K. et al. Vaccination among Polish university students. Knowledge, beliefs and anti-vaccination attitudes. **Human Vaccines & Immunotherapeutics**, v. 13, n. 11, p. 2654–2658, 21 set. 2017.
10. ROOZENBEEK, J. et al. Susceptibility to misinformation about COVID-19 around the world. **Royal Society Open Science**, v. 7, n. 10, p. 201199, 14 out. 2020.